



Sociedade das Ciências Antigas

O MITO DE NARCISO



"Se não quisermos ser feitos de tolos pelas nossas ilusões devemos, pela análise cuidadosa de cada fascínio, extrair deles uma parte de nossa personalidade como uma quinta essência, e reconhecer lentamente que nos encontramos conosco mesmos repetidas vezes, em mil disfarces, no caminho da vida."

Jung

NARCISO

Narciso nasceu possuidor de uma beleza excepcional. Na cultura grega, assim como em tantas outras, tudo o que excede, isto é, passa dos limites da média (somente aos Imortais era permitido o exagero, a ultrapassagem do *métron*, "medida"), acaba se tornando assustador, porque pode arrastar o indivíduo para a "hýbris", que para os gregos é o descomedimento, muito distante do "métron", equilíbrio, portanto, tamanha beleza não era bem vista, já que desafiava a supremacia dos deuses.

Narciso, em grego *Nárkissos* (*nárkes*, "torpor", de onde provém a palavra narcótico), era filho da náiaide Liríope e do rio Cefiso. Sua mãe, ela própria assustada com a extrema beleza do filho, foi à procura de Tirésias, um cego adivinho que possuía a arte da "mantéia", ou seja, a capacidade de ver o futuro. Ela perguntou se Narciso viveria até ficar velho, ao que o sábio respondeu: "Se ele não se vir...".

Narciso, a despeito da cobiça que despertava nas ninfas e donzelas, preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. E foi justamente esse desprezo que devotava às jovens a sua perdição.

Havia uma bela ninfa, Eco, amante dos bosques e dos montes, companheira favorita de Diana em suas caçadas. Mas Eco tinha um grande defeito: falava demais, e tinha o costume de dar sempre a última palavra em qualquer conversa da qual participava. Um dia Hera, desconfiada com razão, que seu marido estava divertindo-se com as ninfas, saiu à sua procura. Eco usou sua conversa para entreter a deusa enquanto suas amigas ninfas se escondiam. Hera, percebendo a artimanha da ninfa,

condenou-a a não mais poder falar uma só palavra por sua iniciativa, a não ser repetir sempre as últimas palavras ditas pelos outros.

Um dia, a ninfa passeava por um bosque quando viu Narciso que perseguia a caça pela montanha. Como era belo o jovem, e como era forte a paixão que a assaltou! Seguiu-lhe os passos e quis dirigir-lhe a palavra, falar o quanto ela o queria, mas não era possível. Era preciso esperar que ele falasse primeiro para então responder-lhe. Distraída pelos seus pensamentos, não percebeu que o jovem dela se aproximara. Tentou se esconder rapidamente, mas Narciso ouviu o barulho e caminhou em sua direção:

- Há alguém aqui?
- Aqui! - respondeu Eco.
- Narciso olhou em volta e não viu ninguém. Queria saber quem estava se escondendo dele, e quem era a dona daquela voz tão bonita.
- Vem - gritou.
- Vem! - respondeu Eco.
- Por que foges de mim?
- Por que foges de mim?
- Eu não fujo! Vem, vamos nos juntar!
- Juntar! - a donzela não podia conter sua felicidade ao correr em direção do amado que fizera tal convite.
- Narciso, vendo a ninfa que corria em sua direção, gritou:
- Afasta-te! Prefiro morrer do que te deixar me possuir!
- Me possuir... - disse Eco.

Foi terrível o que se passou. Narciso fugiu, e a ninfa, envergonhada, correu para se esconder no recesso dos bosques. Daquele dia em diante, passou a viver nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. Evitava o contato com os outros seres, e não se alimentava mais. Devido ao seu intenso sofrimento, seu corpo foi definhando, até que suas carnes desapareceram completamente. Seus ossos se transformaram em rocha. Nada restou além da sua voz. Eco, porém, continua a responder a todos que a chamem, e conserva seu costume de dizer sempre a última palavra. Então, houve uma revolta das ninfas, que foram procurar Nêmesis, a deusa da Justiça. Esta, depois de ouvir suas queixas achou que Narciso merecia o castigo de ter um amor impossível.

Havia, não muito longe dali, uma fonte clara, de águas como prata. Os pastores não levavam para lá seu rebanho, nem cabras ou qualquer outro animal a freqüentava. Não era tampouco enfeada por folhas ou por galhos caídos de árvores. Era linda, cercada de uma relva viçosa, e abrigada do sol por rochedos que a cercavam.

Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Ele debruçou-se sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da água. "Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!", disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar. Não podia mais se conter. Baixou o rosto para beijar o ser, e enfiou os braços na fonte para abraçá-lo. Porém, ao contato de seus braços com a água, o ser sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes.

“Porque me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam, e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris, e responde com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato”. Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. E,

ao vê-la partir, Narciso exclamou: “Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixe-me pelo menos admirar-te.”

Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu. As ninfas choraram seu triste destino. Prepararam uma pira funerária e teriam cremado seu corpo se o tivessem encontrado. Porém, no lugar de seu corpo sem vida, nasceu uma delicada flor amarela. E, em memória do jovem Narciso, aquela flor passou a ser conhecida pelo seu nome.

A essa flor são creditadas propriedades entorpecentes, amolecimento do corpo, devido à substâncias químicas. Alguns povos ainda hoje não admitem que se deixe a imagem refletida em algo, seja água, espelho ou fotografia: a alma poderia ficar inteira retida no reflexo exterior, permanecendo disponível às forças do Mal. Dizem ainda, que quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, ela debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

ECO



O presente é sempre diferente e a única instância na qual a vida se processa. O futuro não existe e o passado é repetição, é eco. O presente é a medida do novo. Trazer o eco para o presente é fazê-lo velho, ainda que apareça novo e diferente. Essa idéia do “novo” não é conceitual, é vivencial. Não há como expô-la com clareza porque ela não é clara. Ou se percebe, num milagre o que é o novo e dá-se a iluminação, ou jamais se perceberá a vida.

O mito da ninfa Eco é uma das grandes expressões da tendência humana à repetição das situações e idéias já conhecidas sempre e eternamente hostis ao novo. Eco entrou para a mitologia porque se apaixonou por Narciso, sendo obrigada por Hera a repetir e a repetir. Eco vai perdendo força, fica impedida de viver, de amar. Refugia-se então nas cavernas e nas grutas das montanhas, de onde vem, então, a moderna acepção da palavra eco, repetição dos sons gritados, fenômeno auditivo explicado pela física, porém com significado psicológico muito profundo.

A mente tende a repetir. Há pessoas que passam a vida inteira a repetir. Pouquíssimas conseguem uma pequena quota de novo em suas vidas. Estas são seres excepcionais, por isso permanecem e representam verdades profundas. O novo não se define. Esconde-se a cada revelação (re velar = velar de novo). Não é a novidade, não é o impermanente. O novo está além da prisão e da liberdade e independe de ambos. É a percepção da inevitável transformação.

NARCISO E O AMOR

O Mito de Narciso introduz o tema profundo da transitoriedade da beleza e dos laços que unem o narcisismo, a inveja e a morte. Tirésias responde enigmáticamente: Narciso pode viver muito tempo, *a menos que aprenda a conhecer-se a si próprio*. O terrível dilema do narcisismo é assim resumido: o sujeito narcisista está condenado ou a permanecer prisioneiro do mundo de sombras do

seu amor por si próprio ou a libertar-se da servidão do autodesconhecimento e da incapacidade de conhecer os outros, mas ao preço da morte. Da morte simbólica do ego, para que possa nascer para a nova vida do “Eu” superior e profundo, do Sagrado que está oculto nele.

Embora o narcisista pense apenas em si próprio, nunca poderá realmente conhecer-se, se não tomar uma posição exterior a si e ver-se como *realmente* é. Se se revelasse capaz de aceitar o murchar da beleza, então o seu encanto seria digno de celebração; mas, através da sua denegação auto-enaltecadora da realidade, da perda e da mudança, essa beleza transforma-se em monstruosidade.

Narciso cresce e torna-se um belo jovem. É causa de muitos amores. Eco o vê e apaixona-se instantaneamente por ele. Outrora faladora, Eco punida por falar demais, tudo o que podia fazer agora era repetir as palavras que acabasse de ouvir. Como declararia a Narciso o seu amor? Este perde-se um dia nos bosques e chama pelos seus amigos: *Vinde a mim*. Eco mostra-se então: “A mim, a mim”, chama ela, por seu turno. Narciso volta-se e foge porque “preferiria morrer a deixar que me tocassem”. Eco, humilhada, morre lentamente do seu amor perdido, e tudo o que resta dela é a sua voz.

Narciso despedaça corações. Não é capaz de ver o efeito que as suas ações têm sobre os outros. Atraem adutores e admiradores, que põem as suas esperanças na possibilidade de uma glória por reflexo. Eco transforma-se no espelho do negligente Narciso. Ele é intocável; ela alimenta eternamente o desejo de estar nos seus braços. Ele só pensa em si próprio e é de um egoísmo implacável; ela só é capaz de pensar nele, e a sua auto-estima permanece frágil até à morte. Ele não é capaz de se identificar com os outros e assim transforma as suas vozes na sua própria voz, tornando desse modo mais extensa a sua personalidade; ela não tem voz própria, e está condenada à palidez da imitação. Em termos de apego, a angústia é a marca de ambos: ela agarra-se ansiosamente ao seu objeto, ele mantém-se para sempre à distância.

Porém, seu castigo já havia sido decretado por Nêmesis:

*Que Narciso ame e sofra
Como nos fez sofrer a nós
Que ame e saiba, como nós,
que não há esperança...*

Um dia, ao regressar da caça cheio de sede, Narciso descobriu uma fonte de água esplêndida e ao debruçar-se para beber:

*Uma estranha outra sede, uma ânsia, desconhecida,
Penetrou o seu corpo com a água,
E penetrou os seus olhos
Com a imagem refletida no espelho...
E como o gosto da água o transbordou
Assim o fez o amor.*

Narciso está profundamente apaixonado pela sua própria imagem. Mas quanto mais se esforça por se abraçar a si próprio, por beijar os lábios que pareciam subir à tona para o beijar, mais cresce a frustração e o seu mal de amor. Amaldiçoa o seu destino. Separado para sempre do seu objeto de amor, faz pela primeira vez a experiência da perda e da dor. Ei-lo chegado, enfim, ao conhecimento de si próprio:

*Tu és eu. Vejo-o agora...
Mas é tarde demais
É por mim que estou apaixonado...*

*Estranha prece nova, a do amante
Que deseja a separação do ser amado.*

Narciso compreende que tem de morrer:

Sou uma flor cortada, que a morte venha depressa.

Sente, enfim, compaixão por outrem:

*Aquele que amei deveria viver.
Deveria continuar a viver depois de mim, inocentemente.*

Mas sabe que é impossível. Quando morre, morrem ele e o si-próprio e até mesmo ao atravessar o Letes não resiste a espreitar-se de relance nas águas. Mas, no momento da morte, Narciso transforma-se, é metamorfoseado, numa bela flor. Até hoje, o narciso, com as suas pétalas delicadas e a sua fragrância sedutora, continua a prestar homenagem à presciência de Tirésias.

Tirésias, sabia que para sobrevivermos, temos de superar o nosso narcisismo. Se formos capazes de aceitar que somos transitórios e mortais, seremos capazes de nos transformar, a nossa auto-estima será segura e seremos contemplados com uma beleza interior. Caso contrário, estaremos condenados à morte em vida ou à morte pura e simples, talvez pelas nossas próprias mãos, à medida que o nosso narcisismo for se tornando cada vez mais exigente e insistente.

Narciso morre porque só olha para si mesmo; o mito nos fala do perigo que representa confundir a Imagem pela Alma ou o Self pela Persona, dedicando toda vida a satisfazer necessidades que não atendem ao verdadeiro anseio humano de se fazer realizar segundo raízes internas e profundas. Eco morre porque só olha Narciso; o mito nos adverte no perigo de não reconhecer em nós o Sagrado, projetando no outro nossa razão de viver.

No mito, em algum momento um encontro acontece. Após a morte, Narciso renasce na flor que Perséfone vai colher e, através deste ato, cumprir seu destino de rainha do mundo subterrâneo, lugar das sombras onde jaz a memória da humanidade; e princesa da primavera na superfície da Terra, onde a energia das sombras se coagula em atos criativos, em flores e frutos.

Narciso simboliza a capacidade criativa de se olhar a si mesmo. Eco simboliza a capacidade criativa de olhar o outro. O olhar penetrante a si mesmo encontra o outro, tanto quanto o olhar penetrante ao outro encontra o eu. Essa troca é inevitável em qualquer movimento autêntico, para dentro ou para fora, nas igualdades e nas diferenças. Não existe solidão, só dissociação. Narciso não pode subtrair-se desse lugar de ideal, ele era a própria encarnação de um ideal, e assim não foi capaz de amar, sendo consumido pelo amor a si mesmo. Diz Narciso:

"Alguém, oh selvas, amou mais cruelmente?
Porque vós o sabeis e fostes para muitos oportuno refúgio.
Ao longo de um tempo tão prolongado, quando tantos séculos
de vossa vida transcorreram, recordais alguém que se tenha consumido assim?
Agrada-me e o vejo, mas o que vejo e me agrada não o consigo;
tão grande é a ilusão que se apodera do que ama.
E, para aumentar minha dor, não nos separa o imenso mar,
nem um caminho, nem uma cordilheira, nem muro com suas portas fechadas.
Um pouco de água é o obstáculo! Se rio, tu ris; se choro,
vejo lágrimas em teus olhos; teus sinais de cabeça correspondem aos meus, e,
pelo que posso conjecturar do movimento de tua formosa boca,
me respondes palavras que não chegam aos meus ouvidos.

Esse sou eu! Me dei conta e já não me engana minha imagem;
me consumo em amor em mim mesmo, e provoço e padeço as chamas.
Que farei? (...) Ai, Oxalá pudesse separa-me de meu corpo!"

NARCISO, OS REFLEXOS E O ESPELHO

Esta é uma história triste, e até pareceria infantil, dessas que se conta às crianças, com o intuito de dizer a elas que não sejam egoístas, que não pensem que só elas existem no mundo, que não sejam tão presunçosas, que não façam pouco das pessoas, etc; se não encerrasse uma verdade tão profunda e sempre atual. Os mitos não são bobagens e, por mais que tentemos passar ao largo e dizer que já estamos cansados de saber a moral dessa história, não é bem assim. Temos muitas coisas a pensar e rever neste mito de um Narciso que está vivo e atuante em cada um de nós.

Parte da palavra *Nárkissos* que é o nome de Narciso em grego, vem de "nárke" que significa entorpecimento, torpor. É desta raiz que se origina, também, a palavra narcótico (entorpecente). *Nárke* como fonte de narcose, sono produzido por meio de narcótico, ajuda a compreender a relação da flor narciso com as divindades e com as cerimônias de iniciação. Narcisos plantados sobre os túmulos, o que era um hábito, simbolizavam a morte, mas uma morte que era apenas um sono. Uma vez que o narciso floresce na primavera, em lugares úmidos, ele se prende à simbologia das águas e do ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade, o que caracteriza sua ambivalência morte-(sono)-renascimento.

Mas, afinal qual é a simbologia deste mito? Quem é Narciso? É alguém que se apaixona pela própria imagem. E nós, quem somos? Para esclarecer essa questão, devemos primeiro entender as semelhanças entre os reflexos e as sombras. O desenlace trágico de Narciso, é a conscientização dele de que está perdidamente apaixonado por sua própria imagem; de que sua paixão é um auto-amor, um amor do "self" e não um amor pelo "outro". Tal descoberta leva-o ao desespero e à morte, por uma reflexão patológica.

"Reflectere", de "re" (novamente), e "flectere" (curvar-se), significa etimologicamente, voltar para trás, onde "reflexus" (reflexo, retorno, e "reflexio"), inclinação para trás. O termo reflexão não deve ser entendido como simples ato de pensar, mas como uma atitude. Como bem indica a palavra reflexio, isto é, inclinação para trás, um deter-se, procurar lembrar-se do que foi visto, colocar-se em relação a um confronto com aquilo que acaba de ser presenciado. A reflexão, por conseguinte deve ser entendida como uma tomada de consciência. Mas a reflexão, como a de Narciso, pode representar sério perigo porque sua história fala de um desenvolvimento extremado, exatamente isto se chama de "Instinto de reflexão". Trata-se de um instinto estritamente humano e, sem ele, a cultura e a interioridade psíquica seriam inconcebíveis. Mas, cada instinto tem um potencial de expressão patológica. A patologia é indicada, geralmente, quando um dos cinco instintos começa a dominar o resto e a restringir sua progressão para a satisfação.

Narciso indicaria este desenvolvimento patológico no instinto de reflexão: a atividade da reflexão (voltar-se para si mesmo) domina e exclui a necessidade de alimentação, da atividade da entrada de qualquer pensamento ou impulso novos. O que o jovem ama é sua "reflexão" que é sua "umbra", sua alma-sombra. Sob esta influência, ama-se o que se auto-reflete e, reflete-se o que se ama. O perigo que oferece o aprofundar-se em demasia na linha narcisista de alma e amor-reflexão está não somente na autocontenção, mas também no suicídio. De modo explícito, ao se recusar comer, Narciso se suicidou.

Agora que entendemos o conceito dos reflexos, devemos "refletir" a respeito do que têm em comum os reflexos e as sombras. Ambos nos espelham de alguma maneira. Ambos acompanham nossos movimentos, definem nossos contornos e nossos limites. Ambos para se apresentarem dependem da luz. Só que os reflexos nos dão uma aparência mais nítida, por isso, talvez gostemos mais deles.

Além do que, em todas as culturas, desde os tempos mais remotos, existem várias associações não muito agradáveis no que diz respeito à sombra.

A sombra representa tudo aquilo que não conhecemos de nós, mas que podemos ainda vir a conhecer, tais como potencialidades das quais ainda não tivemos consciência ou, se tivemos pode não ter havido oportunidade para desenvolvê-las e, desta forma, elas ainda se encontram lá, na obscuridade da nossa sombra. Fazem parte de nossa sombra também, tudo aquilo que mais detestamos em nós e que conhecemos, mas desejaríamos não ter conhecido jamais e, procuramos esquecer e reprimir da maneira mais eficiente possível. Então, para negar que aquilo nos pertence o projetamos no outro.

Assim, ao refletirmos no Narciso que vive em nós, nos confrontamos com uma situação um tanto sombria. A busca do reflexo e o medo da sombra, do diferente, do desconhecido, do que nos incomoda e não queremos ver nem mesmo no "outro". Quando estamos no aconchego de família, em que todos falam a nossa língua, é tão reconfortante. Sentimo-nos compreendidos e amados, até mesmo admirados, reconhecidos pelo que somos, pelo que estamos nos tornando, pelos projetos que temos. E, precisamos desta "re-validação", deste "re-conhecimento" de que valemos alguma coisa, de que somos importantes para alguém. E nos sentimos muito orgulhosos com a sensação de "pertencer", de fazer parte de algo que prezamos tanto.

Assim, continuamos como Narcisos procurando e nos apaixonando por nossos reflexos, por nossos "semelhantes", por nossos iguais, e assim nos encontramos em pleno século XXI, no novo milênio, apedrejando, escorraçando e matando aqueles que não tem a nossa cor, os nossos costumes, a nossa raça, que não possuem nosso sangue ou, quem sabe, nosso nível cultural ou ainda, nosso poder econômico e principalmente, nossas convicções políticas e religiosas, isto é, nossos valores.

Indo atrás de nossos "reflexos", tais como Narciso, ampliamos cada vez mais a nossa sombra. Entorpecemos nossos sentidos e perpetuamos a "hamartía" de Narciso (erro fatal que leva à tragédia, sempre por ignorância). Mas, será que é mesmo um pecado tão grande querer estar em comunhão com nossos pares, nossos iguais? Não, quando o olhar não se enrijece, quando há uma abertura dos sentidos que se amplia no espaço, quando há lugar na minha casa, na minha alma e no mundo para o diferente, o oposto, o não-eu .

Mas nem tudo está perdido porque Narciso era proveniente das águas e estas simbolizam a fecundidade, a morte simbólica do sono que sonha com um "re-nascimento". A simbologia das águas falam do Eterno Retorno Cíclico. Então, através da evolução em espirais, onde o retorno pode ser em uma oitava acima, podemos renascer para a evolução.

Mas para haver evolução é preciso que haja reflexão, tomada de consciência no plano individual. Narciso sempre viverá em cada um de nós, mas podemos vivenciá-lo sem a patologia da "hýbris". Poderemos trazer à luz da consciência mais um bocado da nossa sombra, tentando lidar com as diferenças e nossos conflitos e ambivalências em relação a ela.

O reflexo das imagens sempre foi algo que intrigou o espírito humano, desde tempos imemoriais. Qual não deve ter sido o espanto do homem primitivo ao descobrir que o espectro refletido nas águas dos rios e lagos era na verdade, sua própria imagem. E, durante todos esse tempo, a reprodução das imagens tem sido objeto do fascínio humano. Graças aos espelhos, o que era a imagem exterior, que somente os outros podiam enxergar, passou a ser visível para nós e uma implacável lembrança da efemeridade do tempo. Daí a grande importância dos espelhos: eles nos dão a possibilidade nos vermos como os outros nos vêem, como eles enxergam o nosso exterior.

Quando olhamos para o espelho nós o vemos do ponto de vista do observador e não do ponto de vista da imagem refletida. Se fosse assim, o relógio que usamos no pulso esquerdo nos pareceria

estar no pulso direito. A reciprocidade das perspectivas nos protege disso. Como no espelho, ao interagirmos como o outro nós nos colocamos no lugar dele, mas não perdemos nossa referência.

E o que fascina Narciso? É a sua própria imagem irreal; a imagem idealizada que fez de si mesmo. Assim como Narciso esqueceu de si mesmo e do mundo que o rodeava, a pessoa fascinada parece estar num transe. Eco é o outro para Narciso, mas este não reconhece nem estabelece relação com o outro. Desta maneira, a construção da identidade fica limitada a sua própria imagem; uma imagem irreal.

Narciso não interage com Eco; fica impossibilitado de se encantar pelo outro, de se fragmentar e de se (re)-unir mais forte. Narciso se fascina por sua própria imagem e assim morre; o espelho de água não é uma superfície de reflexão para Narciso e sim uma superfície de absorção. De fato, Narciso é que é o espelho que nos faz perceber o movimento das ações humanas: através do seu reflexo no mundo e do reflexo do mundo nele, o homem cria a reflexão.

Não obstante ter sido profetizado por Tirésias que Narciso morreria ao ver sua imagem refletida, o que perpassa é que de fato Narciso foi ativo na escolha que realizou. Ou seja, ele efetivamente decidiu ficar ali à beira do lago e transformar-se numa flor. Não poderíamos compreender de uma forma utilitária a opção de Narciso. Esta é a simbologia presente na construção do mito: *“O homem é um ser destinado ao conhecimento. Este é o seu destino e este foi o destino de Narciso. Tirésias, o adivinho, previu que Narciso morreria no dia em que se visse. E tudo foi feito para que este destino não se cumprisse. Mas o destino do homem deve se cumprir. Narciso morreu para a inconsciência paradisíaca e para a ignorância protetora e soube de sua morte. Mas Narciso nasceu para o conhecimento e teve consciência disto. O destino se cumpriu. O herói venceu a batalha e se torna digno de seu destino de filho de Deus”*.



O NARCISISMO

Muito se fala em narcisismo e narcisistas, entretanto, muito raramente o termo é aplicado corretamente. Ser cuidadoso consigo mesmo, gostar de estar apresentável não é narcisismo, mas uma necessidade. Então, e o narcisismo? O que é?

Tirésias, o cego que profetizava disse que Narciso: “Viverá enquanto não se deparar com sua própria imagem”. O que o jovem Narciso ama é sua alma. É isso que se deseja dizer quando se fala no reflexo. Ele jamais pode abandonar as águas paradas da fonte. Narciso morre porque ao recusar-se a abandonar a fonte, deixa de comer (receber). É um suicídio motivado pela desilusão: a imagem querida e amada que surge no reflexo não possui equivalência no mundo real e objetivo. Assim são os narcisistas: pessoas perdidas em si mesmas. Não se trata de se acharem lindos apenas, há muito mais que isso.

O narcisista recria o mundo a partir de si próprio. Crê que pode bastar-se sozinho e assim, não precisa de ninguém, não ouve ninguém e, tudo o que pensa e diz é o que conta. O narcisista é o único e todo poderoso. É independente e autônomo sempre que sua vontade o exigir, mas de quem

os demais dependem absolutamente. Como ele é único, pode encher os demais de favores e concessões. Como no mito de Narciso, é insuportável a idéia de que o mundo real não tenha equivalência com o mundo interno que ele idealiza. Tudo fora é imperfeito, agressivo, feio e absurdo.

Então, nada de fora é aceito, sequer considerado. O narcisista é aquele a quem se dá amor de forma irrestrita, mas ele nunca se sacia e acaba sempre por dar a impressão de que o outro não tem amor para dar ou não sabe dar amor. Em outros aspectos da vida, eles se comportam de forma semelhante. Tudo o que se faz está mal feito e eles sempre podem fazer melhor.

O “calcanhar de Aquiles” do Narcisista é o corpo. Este vai trazê-lo sempre de volta à realidade e conseqüentemente destruir as fantasias de “divindade”. O narcisista tem temor ao corpo, o corpo é a sina do animal. Ele nos remete à nossa humanidade na medida em que nos oferece experiências de prazer e dor. O prazer nos faz dependentes porque nos conta que precisamos do outro para obtê-lo. O narcisista recusa-se a tudo, inclusive ao amor. Só quer ser idolatrado e admirado.

Em algum momento de sua vida, o narcisista criou na sua mente um mundo idealizado, onde tudo é belo, colorido e perfeito (estado de entorpecimento, torpor). É um bebê num corpo adulto. E como tal quer parecer-se com os pais idealizados ou seja, aqueles pais maravilhosos que não têm dificuldades, sensações, ou problemas (ele ama um amor impossível). Como o Narciso do mito, não se alimenta. Isso significa que não pode receber nada que venha de fora. Está trancado numa carapaça rígida e forte.

Narciso era o deus do amor-próprio, interessado apenas em satisfazer seu prazer, completamente indiferente para com Deus e as necessidades de outros. Simboliza orgulho, vaidade, convencimento e hedonismo. Muito de nossa cultura reflete os valores falsos do narcisismo. A sociedade contemporânea procura congelar a adolescência, exorcizar a velhice, idolatrar o prazer e viver no espírito do encanto e da sedução. Mas o mito leva à tragédia e destruição própria.

Em contraste com este mito fatal, a história bíblica de Sansão oferece uma alternativa de fé e esperança. De modo surpreendente, mas apropriado, Paulo coloca Sansão na galeria dos heróis da fé (Hebreus 11:32). Por quê? O que era heróico na vida desse indivíduo? Não eram nem suas proezas em combater os filisteus, nem a força de seu governo, mas o ato corajoso de entregar a vida para a salvação de seu povo.

Diferente de Narciso, que sucumbiu ao encanto de contemplar a própria imagem, Sansão foi obrigado a deixar de contemplar a si mesmo a fim de responder ao chamado para o sacrifício. As horas escuras da crise destruíram-lhe o orgulho e fizeram-no cumprir o alvo de sua vida, assumindo seu destino como libertador num gesto final. Preferiu morrer a fim de salvar seu povo da opressão estrangeira.

Num mundo saturado com o culto do narcisismo, a história de Sansão ensina que nada resta na vida quando se perde o senso de missão. A narrativa bíblica consistentemente realça que o significado da vida pode ser achado em Deus e nEle somente — longe do eu e ancorado em fé, esperança e amor.

O drama de Narciso, a ausência de sentimento e transcendência, inexoravelmente condena a pessoa à solidão e destruição própria. O mito é implacável e fatal. Parece não haver solução possível. A esperança, todavia, se abre, não no egocentrismo e ausência de sentido, mas na eterna Palavra de Deus. O tema da Bíblia é o oposto do narcisismo. Exige a renúncia do eu e o abraçar o outro. O amor a Deus e ao próximo domina o retrato bíblico da vida, ela nos mostra a tragédia do egocentrismo e o triunfo do desprendimento.

A LIÇÃO DO MITO

A história de Narciso pode servir de metáfora para a vida de muitos de nós. Quando não conseguimos olhar-nos com imparcialidade, o trabalho interior passa a ser um meio de projetar a vaidade humana e uma cantiga do "eu" sozinho: eu faço, eu fiz, eu sou, eu posso.

Na verdade, o autoconhecimento deve ser uma prática que estimule o verdadeiro compartilhamento, formando espíritos capazes de organizar os conhecimentos individuais, possibilitando a colocação do saber particular a serviço da comunidade, do mundo. Assim, trabalhar pelo aprimoramento da personalidade e do caráter, não é acumulação de saberes para o engrandecimento de um único indivíduo como o "dono da verdade", mas uma ação que estimule não o saber pessoal, mas despertando no Iniciado o interesse e a vontade de compartilhar o que sabe. Ela deve estar focada nos seguintes pilares:

- Na formação de espíritos capazes de identificar e organizar seus próprios pensamentos, favorecendo a aptidão natural do ser humano de situar-se espacial e temporariamente, relacionando o que aprende com o mundo, interpretando-o e dando-lhe um significado que motive a si mesmo e o movimento em direção aos valores que acredita e a uma ética planetária.

- No despertar da condição do ser humano: ajudando as pessoas, através da caridade e da solidariedade. Conhecimento, é identificar e reconhecer os talentos pessoais, valorizando os resultados que apresentam e estimulando o florescimento das qualidades da alma.

- No trabalho que dá sentido à vida, porque todos nós temos um propósito, temos objetivos pelos quais lutamos, e desafios que pretendemos vencer. Precisamos nos preparar para os desafios e as incertezas da existência humana, concedendo-lhes um significado que representem nossos verdadeiros anseios. O caminho deve ser trilhado pelos indivíduos e compartilhadas as experiências adquiridas.

- No entender o significado da coletividade humana. Entender os valores éticos, morais e espirituais que devem guiar o nosso destino.

- No fazer as pessoas entenderem e passarem a exercitar a responsabilidade de cada uma e de todos na construção do mundo que se deseja. Não há tutela, não há tutelados mas pessoas capazes, responsáveis pelo próprio destino e sem medo de assumir riscos.

Narciso morreu inebriado pela própria beleza e encantamento. Os deuses, comovidos pela visão de tão belo cadáver, transformaram-no numa flor que leva seu nome. Na vida, a lição a ser extraída desse mito é que o Conhecimento só vingará se houver o conhecimento de si mesmo, de suas capacidades, potencialidades ou limitações e se está disposto a compartilhar o que sabe, eliminando vaidades que o impede de aproveitar talentos, somá-los com o dos demais e escrever uma história de vida que reflita os valores éticos, morais e espirituais que calam fundo no ser. Fora disso, o Conhecimento mal direcionado só alimentará o individualismo e a necessidade da "ribalta" de alguns.

O MITO DE NARCISO NA ASTROLOGIA

“Deitou-se e tentando matar a sede,
Outra mais forte achou. Enquanto bebia,
Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.
Julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora.
Extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar,
O rosto fixo, Narciso parece uma estátua de mármore de Paros.

Deitado, contempla dois astros: seus olhos e seus cabelos,
Dignos de Baco, dignos também de Apolo;
Suas faces ainda imberbes, seu pescoço de marfim,
A boca encantadora, o leve rubor que lhe colore a nívea pele.
Admira tudo quanto admiram nele.
Em sua ingenuidade deseja a si mesmo.
A si próprio exalta e louva. Inspira ele mesmo os ardores que sente.”
(Transformações – Ovídio, III, 414-428)

Sendo um signo solar, o Leão vive em função da própria luz e beleza. Sua preocupação é com o presente. Precisam desenvolver uma visão mais ampla da vida e das necessidades objetivas do futuro. Muito confiantes, acreditam que tudo sempre vai dar certo para eles e se esquecem de medir as conseqüências de seus atos. Às vezes, pagam um alto preço por isto.

Encerrado em sua própria beleza, Narciso recusa-se ao envolvimento com o outro. Este mito ilustra com perfeição o lado negativo dos leoninos. Todos eles possuem uma grande dose de egocentrismo, que facilmente se torna egoísmo, onde o tamanho de seu ego não abre espaço para o outro. Nesses casos, a outra pessoa torna-se apenas sua imagem refletida, que repete as mesmas atitudes e jamais cria oposição. Assim, dentro de um relacionamento narcisista, se uma das pessoas envolvidas quiser crescer e amadurecer, terá que se separar ou forçar o crescimento de seu companheiro.

Este mito representa um dos estágios primários do desenvolvimento humano: a descoberta de si mesmo e a auto-estima. No chamado narcisismo primário, o bebê ama a si mesmo e à mãe como uma extensão sua. Na fase do narcisismo secundário, percebe o outro, e pode amá-lo, na medida que conduz sua libido para um objeto que não é ele mesmo. Se esta conexão não foi feita, a criança se fixa na própria imagem e “morre” assim. Quando levado pela excessiva vaidade e orgulho, o leonino torna-se refém de sua auto-imagem. Magnetizado por ela, passa a usar sua grande luz de forma mesquinha. Preso nessa miragem, desconectado de sua fonte interna, perde a capacidade de irradiar sua luminosidade, troca o eterno pelo efêmero e deixa de caminhar com sabedoria pela vida. Afastando-se d essência, entusiasma-se pelo aplauso, pelo palco e pelo falso elogio. Somente a dura lição do tempo mostra-lhe a verdade, às vezes, tardia.

O Leão, signo expoente da criação, sabe que deve mostrar ao mundo sua obra. A Arte é expressa para que o caráter e a vontade do indivíduo possa ser “impresso” sobre tudo o que é impressionável no coletivo. Assim, a potencialidade do Leão é, nesse sentido, a de projetar suas próprias imagens sobre o meio coletivo; isto é o que chamamos de “criatividade”. Essa interação das imagens do seu inconsciente com aquelas do inconsciente coletivo fazem a grandiosidade de sua obra.

FIM

BIBLIOGRAFIA

Livros:

Mitologia Grega - Junito Brandão

Referências: Fragmentos - de Ovídio; As Metamorfoses - de Ovídio

Viagem Mitológica através da Astrologia – Lucia Scavone

Diversos sites sobre Mitologia, Psicologia, Religião e Astrologia

www.psipoint.com.br/narciso2

www.service-public.com/complexe/rio/part4/06

www.redepsi.com.br/html/article.php

www.geocities.com/acd-br/narciso.html

www.geocities.com/Athens/Crete/2153/narciso

www.ilove.com.br/lidia/ARTHUR/ECO
www.acropolis.hpg.ig.com.br/mitologia
www.rh.com.br/ler.php?cod=3422&org=2
www.redepsi.com.br/html/article.php?sid=327
www.loganarts.sites.uol.com.br/NARCISO.htm